

As convergências do *Caderno H*¹

Gilberto Mendonça Teles
Universidade Federal do Rio de Janeiro

É praticamente impossível, neste prefácio à nova edição de *Caderno H*, não retomar um pouco da visão geral e pessoal que fizemos da obra de Mário Quintana numa conferência na PUC-RS, em 1974, na presença do poeta. Publicado em jornais e revistas, o texto dessa conferência está hoje em *A Retórica do silêncio*, que consultamos para algumas observações iniciais.

O *Caderno H* veio no topo de uma cadeia de experimentações literárias em que o escritor buscava a sua originalidade entre o tradicional e o moderno, inventando, reinventando e misturando conscientemente temas e formas da oralidade e da cultura literária. O seu livro é, neste sentido, o ponto de convergência do amadurecimento intelectual do homem e do escritor, do seu refinamento em meter nos seus poemas (nos seus pequenos textos) concepções de Linguagem, Arte, Literatura e Poesia. Neste sentido, seu livro é um vasto repositório de uma filosofia de vida, de um jeito pessoal e original de perceber e expressar, com humor e ironia, os acontecimentos mais comuns de sua época.

Talvez se possa dizer que o melhor de sua expressão veio de dentro da tradição sul-riograndense do “poema em prosa”, com o aproveitamento da forma das locuções e provérbios, o que o levou ao domínio de uma contenção verbal admirável. Isto explica, indiretamente, a sua preocupação com o tema da linguagem, – com a *metalinguagem* – na estrutura da maioria dos seus minitextos. Assim, uma leitura da obra completa de Mário Quintana leva naturalmente à organização do seu pensamento sobre os temas de seu processo de criação, contemplando-a ou “contemplando” teoricamente as causas e os fatores que o levaram à sua condição de grande escritor.

¹ Para a obra completa de Mário Quintana, org. por Tânia Carvalhal. São Paulo: Ed. Globo, 2006.

Ao longo de sua obra, escrita simbolicamente num período de 33 anos, de *A rua dos cata-ventos* (1940) ao *Caderno H* (1973), pode-se acompanhar o aparecimento da reflexão criadora na sua linguagem poética. De maneira tímida, em *A rua dos cata-ventos* e em *Canções* (1946); de maneira desinibida nos “poemas em prosa” de *Sapato florido* (1948), em *O aprendiz de feiticeiro* (1950) e nos quartetos de *Espelho mágico* (1951). Em 1962 Quintana reuniu esses cinco livros num único volume, com o título geral de *Poesias*. Mas, em 1973, um ano depois da segunda edição de *Poesias*, a Editora Globo lançou o *Caderno H*, série de minitextos que o poeta vinha publicando no *Correio do Povo*, em Porto Alegre. Pela forma desses textos, o *Caderno H* deve ser inicialmente visto como desdobramento ou continuação de *Sapato florido*. É certo, porém, que numa continuidade, digamos, “descontínua”, que adquire nova dimensão estética, tanto pela quantidade maior de pequenos textos, como pela multiplicidade de temas sem nenhuma sistematização aparente, mas capazes de pôr o leitor em freqüentes sobressaltos, lançando-o entre o céu e o inferno, entre o azul da poesia e a mitridização de sua prosa.

A partir dessa freqüente tematização da linguagem, toda a obra poética de Mário Quintana se deixa classificar em dois grupos de livros. O primeiro (que chamamos Condição do poema, aproveitando uma imagem de *O aprendiz de feiticeiro*) é composto pelos livros de *versos* – metrificados ou livres – como *A rua dos cata-ventos*, *Canções* e *O aprendiz de feiticeiro*. O segundo, com textos de “poema em prosa”, é formado por *Sapato florido*, *Espelho mágico* e *Caderno H*, grupo de livros a que se poderia dar o nome de Quintanares, palavra criada pelo poeta na “Canção de barco e de olvido” (de *Canções*) e aproveitada por Manuel Bandeira no poema com que saudou Quintana numa homenagem na Academia Brasileira de Letras.

A Condição do Poema

Tem-se neste primeiro grupo o que se poderia chamar de inclinação do poeta à reflexão sobre a linguagem literária. Essa reflexão ganha relevo à medida que se passa de um livro para outro, atingindo um relativo amadurecimento no último deles. Os poemas aí privilegiam a metáfora e, portanto, aquela atmosfera mágica de surrealismo que, de certa forma, envolve suavemente todo o discurso poético de Mário Quintana. É o que se lê de maneira tímida em *A rua dos cataventos*, onde o poeta convida o

seu Anjo da Guarda para escutar os “palavrões de sua rua”, dizendo-lhe entretanto que isso “não é poesia socialista”, que faz versos “como os saltimbancos” e que, no seu “romantismo vagabundo”, sabe que “nestes céus de Porto Alegre” [...] “S. Pedro pinta/ Os mais belos crepúsculos do mundo”. A preocupação com a “página deserta”, que vai logo depois marcar a poesia de João Cabral de MeIo Neto, é antecipada por Mário Quintana que tenta combinar o ato de escrever com o de pintar, tal como o faziam os homens do século VI e V a.C. (em Simônides, por exemplo) e também os poetas barrocos.

Em *Canções*, a consciência metalingüística começa a concentrar-se na *palavra*, começa a abstratizá-la na direção do puro *nome*. O “pintor” do primeiro livro cede lugar ao poeta. A substância da linguagem tende a ser puramente verbal, mas o limite da enunciação não é mais a palavra, é o nome. É como se o poeta vacilasse entre o nome e a coisa, numa inquietação que tem muito de Platão, na dialética do *Crátilo*. O poeta ainda sente necessidade de uma lógica externa, de uma crença na referencialidade da linguagem. Daí certas contradições. Fala na “poesia pura” e, logo a seguir, afirma enfaticamente: “A poesia pura / Não existe não”.

O livro das *Canções* situa-se num momento de transformação em face da linguagem: se, por um lado, o poeta age como um nominalista, conserva, por outro, o fetichismo de uma atitude realista perante a linguagem: “Nunca dê um nome a um rio: / Sempre é outro rio a passar”, diz o poeta em “Canção do dia de sempre”.

E em *O aprendiz de feiticeiro* nota-se o adensamento da inquietação teórica sobre a linguagem, gramatical e literária, como em “O poema”, no qual a ênfase é posta sobre o produtor do poema, pedindo a morte do sujeito lírico muito antes de os teóricos da psicanálise falarem da morte do sujeito literário:

O poema é uma pedra no abismo,
O eco do poema desloca os perfis:
Para bem das águas e das almas
Assassinemos o poeta.

Não é à toa que o livro se chama *O aprendiz de feiticeiro*. Mário Quintana se compara às personagens de Goethe. Ele é, por um lado, a “misteriosa condição” do poema; e, pelo lado da modéstia, é o discípulo que também quer experimentar a fórmula mágica de pôr a vassoura (a sua caneta) a trabalhar. Como o instrumento, animado por si mesmo, foge a seu

controle, ele o corta em várias partes que, no entanto, se reproduzem, como o cabo da vassoura, numa variedade de poemas pequenos, que se animam aparentemente desordenados no laboratório do livro, como se preparassem para a aventura minimalista do *Caderno H*.

Finalmente, é bom lembrar que em *A rua dos cata-ventos* o poeta já se preocupa com as histórias e com as *formas simples*, no sentido que lhes dá André Jolles. Em *O aprendiz de feiticeiro* fala no “terror de construir mitologias novas!”. São índices por certo de um processo poético – de poetização – que marcará depois a natureza dos seus.

Quintanares

Este grupo inicia-se com o livro *Espelho mágico*, escrito em 1945 e só publicado em 1951. É formalmente da geração de 45 e, por isso, “reflete” o conflito teórico por que passava o poeta, herdeiro das tradições do modernismo e formalmente identificado com muitas concepções da geração que, para se impor, se arremetia contra o movimento de 22. A preocupação maior do livro é com a *retórica*, com a prática literária, porquanto é ela que transmite magia ao espelho. Este é apenas uma parte do lado visível – os cento e onze quartetos, cujos versos variam de seis a doze sílabas, sendo na sua maioria decassílabos. O lado “invisível” é percebido indiretamente, à medida que o leitor passa da reflexão para a deflexão, isto é, para o desvio ético, irônico, humorístico ou puramente lúdico que cada quarteto esconde na sua significação.

Os temas de *Espelho mágico* são rigidamente submetidos a uma forma de poema, através do qual se filtra o sentido mais tradicional da retórica. Mas há nesse filtrar uma distorção irônica, uma segunda intenção que ilumina todo o livro. O que poderia parecer uma contradição é, antes, uma notável coerência estrutural – mostra de um lado, a tradição da forma popular dos provérbios; e, de outro, um traço do espírito de Quintana quando as compôs, numa época em que experimentava os poemas em prosa e começava a radicalizar as suas formas literárias. Há neste livro conselhos sobre estilo, belas frases, preocupação de escrever, o cuidado da forma, análise, livros, sistemas, idéias, sátira, etc. No meio desses elementos de preocupação teórica há concepções poéticas retoricamente planejadas, como os quartetos sobre o belo, o prazer, a arte e a própria obra. A beleza desses quartetos provém não do que está dito, mas do que fica nas entrelinhas, na zona do silêncio.

Há muito de sabedoria bíblica neste livro, que se inicia com uma epígrafe tomada ao *Eclesiastes*(7, 16), aquela que prega a moderação, a virtude, a sabedoria. Só que Mário Quintana inverte tudo, com a mesma atitude de cepticismo da Bíblia, mas com a finura zombeteira da ironia. Por isso fala “Da inútil sabedoria”, e “Da análise”, onde parece rir às escondidas de todo aquele que tem a pretensão de, através da análise, descobrir todos os segredos da obra literária.

Ao “formalismo” dos novos de 45 ele opõe o “informalismo” dos seus textos que não são nem prosa nem poesia (como queria M. Jourdain na epígrafe), no comum sentido da alusão literária. São apenas os seus *quintanares*.

O último livro deste grupo é o *Caderno H*, que merece aqui tratamento especial, não só por ser o objeto deste prefácio, mas, principalmente, por ser o ponto de convergência, tanto das experiências com os minitextos de sentenças e provérbios como do amadurecimento intelectual e estético e da capacidade criadora de Mário Quintana.

Caderno H

Perguntado sobre o significado de *Caderno H*, título que deu aos pequenos textos que começou a publicar por volta de 1940 na revista *Província de São Pedro*, em Porto Alegre, Mário Quintana se esquivou dizendo que não significava nada, que “era um nome como qualquer outro”, acrescentando, com humor, que não tinha “nenhum parentesco com Hora H”.

Mas basta o leitor pensar no contexto de guerra que envolvia a data em que o poeta começou a divulgar esses minitextos para logo se dar conta da expressão que se tornou corrente na época, como sinônimo de *momento exato*, não um momento anterior ou posterior, mas o *preciso* – a *hora H*, aquela que foi planejada para uma operação bélica, como no caso do *Dia D*, o dia estrategicamente marcado para o desembarque na Normandie – o *Jour-J* dos franceses.

A famosa expressão de Mário Quintana não é só um nome, proveniente da necessidade de “batizar pessoas e livros” (como afirmou o poeta), um nome para que a sua coluna na revista e mais tarde no jornal *Correio do Povo* não ficasse pagã. O título traz em si a substância histórica da época e do momento em que o poeta escrevia e registrava, de maneira descontínua e humorística, os retalhos de observação, de imaginação e de memória que lhe ocorriam na rua, no bar ou na movimentada redação do jornal, a qualquer hora.

O certo é que havia em Quintana uma preocupação com as *horas*, o *tempo* e os *relógios*. Assim como em *Sapato florido* fala na “cor do tempo”, nos “Sinais do tempo” e diz que é “uma imperdoável indelicadeza [...] consultar o relógio perto de um defunto”, ao longo do *Caderno H* se documenta em metonímias e metáforas sobre o tempo. Em “A hora” escreve que “São muitos os que morrem antes, outros depois; o difícil é acertar a hora”, vale dizer, a hora H. Imagens de *relógio* e de *tempo* aparecem várias vezes no livro: o relógio parado na fotografia, o tic-tac (e nunca o tac-tic), as eras da história, os ponteiros do relógio, definições como “O tempo é um ponto de vista dos relógios” e figuras meio hiperbólicas como “O mais feroz dos animais domésticos é o relógio de parede: conheço um que já devorou três gerações da minha família”.

Mas havia também a sua preocupação com o texto curto, pequeno, como em “As trinta linhas”, historieta que ilustra bem o seu livro e a economia verbal de seus poemas, dentro da filosofia andaluza de *lo más, lo menos*:

Um dia Álvaro Moreyra, já avô, contou-me que seu pai ainda lhe dizia: “Mas Alvinho, por que tu não escreves coisas de mais fôlego?” E ele, espalmando as mãos num gesto de desculpa: “Mas eu não tenho fôlego, papai...” Depois desta história, eu não precisava dizer mais nada. Contudo, não me sai da lembrança um professor dos meus tempos de ginásio que, ao dar-nos o tema para redação de Português, dizia: “Não adianta escreverem muito, meninos, porque só leio a primeira página; o resto, eu rasgo”. E assim nos dava, ao mesmo tempo, a primeira e a melhor lição de estilo, obrigando-nos a reter as rédeas de Pégaso e a dizer tudo (que aliás não podia ser muito) nas trinta linhas do papel almaço, contando título e assinatura, A ele, pois, ao saudoso major Leonardo Ribeiro, a minha gratidão e a dos meus leitores.

É por aí, pelo gosto de Quintana pelas pequenas narrativas, que se foi formando o mito das historinhas (ou historiinhas) do poeta, como no livro *Ora bolas*, que traz o subtítulo de O Humor Cotidiano de Mário Quintana, 121 Historinhas Compiladas e Adaptadas por Juarez Fonseca e publicado em 1996 por Artes & Ofícios, em Porto Alegre.² É um livro que, embora não seja dele, sai de dentro da obra e da vida do poeta e, além disso, guarda semelhança estrutural com os textos de *Sapato florido* e de *Caderno*

² Devo ao poeta Sílvio Bastos Ribeiro de Castro, do Rio de Janeiro, o conhecimento desse livro.

H. São histórias de e sobre Quintana, reelaboradas pelo compilador. Pequenas narrativas oralizadas ou em fase de oralização, tendo a figura do poeta como objeto mítico. No fundo de cada uma está um conceito, uma anedota, um dito espirituoso, uma tirada humorística que envolvem a figura de Quintana de uma auréola de luz, como a cabeça de um santo e, ao mesmo tempo, no-la apresenta sem o “manto diáfano da fantasia”, na sua realidade bem humana e às vezes sarcasticamente diabólica. Há nesse livro coisas puras, como o texto “Intimidades”, que aí vai na íntegra:

Recital de poemas de Mário Quintana no belíssimo Salão Mourisco da Biblioteca Pública do Estado, durante as comemorações pela passagem dos 70 anos. Ele escolheu os poemas que seriam apresentados. O poeta Armino Trevisan, velho amigo, e a professora Tânia Carvalhal, do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foram convidados para comentar a leitura e a obra.

Finda a cerimônia, aparições daqui e dali, uma senhora faz efusivas festas para Quintana. Ninguém a conhece. O poeta César Pereira (ainda injustamente pouco conhecido) quer saber quem é.

– Uma íntima desconhecida – esclarece Mário.

Essa pureza de simplicidade também se pode ler em “Cores”, onde Quintana revela, pela pena de outrem, a sua quase obsessão pelo *azul*, palavra e cor: em todos os seus livros (como notamos) o *azul*, tal como em Mallarmé, assinala o sentido de uma imagem que se quer, principalmente, poética:

Mais um convite para ir ao interior. Depois do sim do poeta, o satisfeitíssimo secretário municipal de Educação e Cultura combina detalhes da viagem e quer saber se ele tem preferência por alguma marca de automóvel.

– Marca não, a cor sim. Azul.

Outra anedota que lhe é também atribuída é a da jovem senhora que, encontrando o poeta numa livraria, pergunta-lhe ingenuamente que deveria ler para entender Shakespeare. E Mário, imperturbável: “– Shakespeare, minha filha!”.

Como é fácil perceber, tanto as histórias do poeta, como as que lhe dizem respeito pertencem, muitas delas, ao anedotário geral de artistas, poetas e cientistas. E se inserem na velha tradição dos famosos livros de máximas e *aforismos*, em que uma breve sentença expressa concisamente os princípios fundamentais de uma ciência ou de uma doutrina, como se deu com o

pensamento dos primeiros filósofos e cientistas gregos, a começar com os *Aforismos* de Hipócrates, no século V a.C. (o *Corpus Hippocraticum*). Às vezes com outros nomes como os *Pensamentos* (*Pensées*, 1670), de Pascal; as *Reflexões sobre a vaidade dos homens* (1752), de Matias Aires; Os *Aforismos* (*Aphorismen*, 1800), de Lichtenberg; as *Máximas, pensamentos e reflexões* (1841), do Marquês de Maricá; Os *Aforismos para a sabedoria da vida* (1851), de Schopenhauer; e livros como *O discípulo de Emaús* (1945), de Murilo Mendes. Neste sentido, há até um *Código de bom tom* (1845), de J. I. Roquete, que prega moral com versos de Camões; a ele se seguiu em 1919, a obra intitulada os *Pensamentos extraídos da obra de Luís de Camões*, como registramos na 4ª edição de *Camões e a poesia brasileira* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001).

Uma boa parte da obra de Mário Quintana se inscreve na tradição dos aforismos e provérbios. Assim como o material divulgado pela coluna “Caderno H” da *Província de São Pedro* foi o ponto de partida para a seleção do livro publicado quatro anos depois com o nome de Sapato florido, os textos da coluna do mesmo nome no *Correio do Povo* formaram o livro que, afinal, recebeu o nome de sua cellula mater – *Caderno H*. A coluna de Quintana continuou até o jornal encerrar as suas atividades em 1984, quando passou, por uns tempos, a aparecer na revista *Istoé*.

Ora, o que Mário Quintana faz com os seus pequenos textos é uma contínua atualização das *formas simples* da língua ou da literatura. A sua própria fala criadora tem uma natural disposição para criar esse tipo de texto. A sua obra atualiza a forma simples da sentença ou do provérbio, vale-se dela para construir um tipo de literatura que se torna *exemplar* na literatura brasileira, uma vez que o seu “poema em prosa” não é mero reduplicador das formas simples. Não se trata de uma simples transposição de elementos da língua para uma fala literária. A diferença é que a matriz estrutural do provérbio e o seu próprio conteúdo sofrem uma distorção criadora, quase sempre às avessas, anti-proverbial, desmistificadora, como, por exemplo, naquelas “Coisas numeradas de um a trinta e cinco”, no *Caderno H*, onde se encontram textos assim:

Os velhos, quanto mais velhos, mais vírgulas usam.
Coragem não é documento: os gangsters também são heróis.
Se não fosse Van Gogh, o que seria do amarelo?

Observe-se que o primeiro aforismo lembra muito uma observação de Drummond sobre poetas “gramaticalmente corretos”: *Impressionante, a sabedoria de suas vírgulas. É incapaz de misturar duas tolices na mesma*

frase. Aliás, é curioso que poetas como Murilo Mendes (*O discípulo de Emaús*, 1945) e Carlos Drummond de Andrade (“Apontamentos literários”, *Passeios na ilha*, 1952) escreveram seus aforismos na mesma época de Quintana, tema que não foi ainda abordado pelos nossos comparatistas. A este respeito é bom lembrar que há também um livro denominado *Desaforismos* (1961), de Mário da Silva Brito.

O poeta põe imediatamente à disposição do estudioso um sub-universo fragmentado, ou seja, de dentro de seu discurso literário “faz” emergir outro tipo de discurso – um *metadiscorso teórico* como se o poeta vivesse emparedado entre a tradição – que devia respeitar – e as formas e idéias novas com que se identifica e que, na maioria das vezes, lhe parecem destituídas de função e de valor literários. Essa persistente e variada manifestação reflexiva sobre o discurso levou-o à caracterização de um tipo de texto que, fugindo às convenções literárias, não fugia à literatura, antes a enriquecia com novas formas, por intermédio da sua contribuição original.

Com os seus poemas e com a miscelânea literária do *Caderno H*, em estilo epigramático, com frases que ora adquiriam o jeito proverbial, ora beiravam o sentencioso e resvalava para a piada e para o jogo de palavras – mas sempre em tom de poesia e humor –, Mário Quintana logo conquistou os mais diversos tipos de leitores, do culto ao popular, tornando-se um dos poetas mais conhecidos e estimados não só em sua terra, mas em todo o Brasil.

A crítica (e às vezes, de maneira irônica e humorística, o próprio poeta), se valeu de uma série de sinônimos para se referir aos textos do *Caderno H*. Essa maneira indireta ou insegura de denominação não só atesta a dificuldade da mídia em compreendê-los como formas literárias mas também sublinha o sentido de originalidade que percorre todo o livro, em cintilações e revérberos que levam o leitor a vacilar entre a prosa e a poesia, a crítica e a autocrítica, a biografia e a história (não a “estória”, termo de que Mário Quintana não gostava), o culto e o popular, o humor e a sátira, o sagrado e o profano, a teoria e a prática e entre o grotesco e o sublime. Enfim, uma leitura que, além de agradável, é também de passatempo e de proveito & exemplo, como se dizia no passado. Entre esses sinônimos, se destacam termos como *trechos, coisas, anotações, poesia epigramática, prosa poética, prosa, poemas, epigramas, sentenças e provérbios, intertextualizações, notas líricas, pequenas crônicas, pequenos contos, parágrafos, minitextos (textículos?)* e os famosos *quintanares*.

Se a crítica fica confusa diante do livro, o leitor não. Este o avalia pelo prazer da leitura, que flui de página a página, de quintanar a quintanar, numa deliciosa descontinuidade que o conduz ao jogo da inteligência. A este respeito, vale a pena transcrever o último parágrafo da orelha da primeira edição do *Caderno H*, em 1973, escrita não se sabe por quem, mas com uma arguta e elegante observação crítica:

Ao leitor, uma só recomendação: o *Caderno H* não tem continuidade e deve ser lido como foi escrito – ao léu das horas, “que não são apenas passageiras, mas de humor variado”. E pode ser aberto em qualquer ponto. Aberto e interrompido. Não é Quintana quem assegura o valor das pausas? “Livro é aquele de que às vezes interrompemos a leitura para seguir – até onde? – uma entrelinha... Leitura interrompida? Não. Esta é a verdadeira leitura continuada”. É a melhor maneira, dizemos nós, de se aproveitar o *Caderno H* – livro contido na palavra e penetrante no dizer, pródigo em refletida ironia, alegre, melancólico às vezes, ora impiedoso e ora amável, sempre novo, inesperado e elegante, e sempre, a cada linha e a cada pensamento, iluminado de poesia.

O redator da orelha explica o título de *Caderno H*, toca no problema do gênero e nos dá a informação de que o poeta prefere a classificação de “poesia epigramática” à de “prosa poética”. É claro que todo esse tipo de texto produzido por ele cabe nesta definição, mas com uma ressalva: o ritmo instintivo se torna lógico em Quintana. São os dois pólos da criação – a *intuição* e a *reflexão crítica* – que se contraponteam ao longo dos textos.

No *Caderno H* há de tudo – principalmente os elementos de uma filosofia da criação literária. O leitor encontra neste livro anotações líricas, pequenas narrativas, poemas, prosas poéticas, poema em prosa, crítica, epigrama, anedota, citações e, notadamente, o material mais importante para um estudo sobre a sua concepção literária. Como se trata de 683 pequenos poemas em prosa, existe uma grande quantidade de “anotações” que constituem uma excelente “documentação” para uma teoria da literatura, que muito tem a ver com o modernismo brasileiro.

Podem-se ler os textos do *Caderno H* como se fossem os verbetes de um “dicionário” que não se fez. E que tem muito a ver com o *Dicionário antiloroteiro*, de Pitigrilli, que só foi editado no Brasil em 1956. Citando de vez em quando a *Arte poética*, de Boileau, e referindo-se a outras artes poéticas e retóricas, além de, indiretamente, se referir a obras e a poetas

brasileiros, pode-se dizer que Mário Quintana trabalha no *Caderno H* com uma dupla consciência criadora – a da convenção literária, que aceita séria e humoristicamente; e a da criação que faz com que o objeto de muitos de seus textos seja a própria teoria do conhecimento poético, o sentido mais puro de suas concepções de literatura e de poesia.

A primeira edição do *Caderno H* saiu sem um índice dos textos, o que dificulta bastante a leitura e a pesquisa, do crítico ou do leitor comum. O livro dá a impressão de uma caixa na qual o poeta ia jogando a torto e a direito os seus pequenos poemas em prosa. Pensamos que uma nova edição não poderia sair sem um índice, ainda que por ordem alfabética dos títulos. Este livro de Quintana pode ser visto como um sistema possível de se dividir em dois conjuntos de textos: A – Textos Não-Literários; B – Textos Literários.

A – Textos Não-Literários

Aqueles cujos temas apontam para elementos da natureza e para Ciências como Antropologia, Geografia, História, Sociologia, Psicologia, Política, Astronomia, Metafísica, Filosofia, Religião e demais formas de conhecimento. Enfim, toda a amplitude do horizonte cultural em que se movia o escritor. É a expressão de seu contexto, a sua circunstância orteguiana. Tomem-se como exemplos apenas os seguintes, nos quais se lê (indiretamente) sobre gastronomia, psicanálise, metafísica, teologia, religião, história, erotismo e nem sei que mais:

A HERANÇA: Se eu fosse um iluminado, com que habilitações poderia eu disatribuir a minha carne e o meu sangue? Apenas diria aos discípulos famintos: – Eis aqui os meus ossos.

A ESFINGE: Na volta da esquina encontrei a Esfinge. Petrifiquei-me. Ela me disse então, olhando-me nos olhos: – Devora-me ou decifro-te!

A ESCRITA: Um trouxe a mirra, o outro o incenso, o terceiro o ouro. Incenso e mirra evaporaram-se... Mas e o ouro? Os textos nada dizem quanto à aplicação do ouro!

DA ALMA: Uma alma sem mistério nem seria alma... Da mesma forma que um Deus compreensível não seria Deus.

DAS FRASES HISTÓRICAS: Desconfio que essas frases históricas foram inventadas pelos historiadores, pois como poderiam os grandes homens ter tido, todos eles, aquele mesmo estilo de dramalhão?

O CONCURSO: Um dia, por dever de ofício, fui a um desses concursos de Robustez Infantil. Havia cada mãezinha...

O PROBLEMA: Cineastas, romancistas, psicólogos e outros psis – como se preocupam eles com o problema da solidão! Por quê? O único problema da solidão consiste em como preservá-la.

DELÍCIA: O que tem de bom uma galinha assada é que ela não cacareja.

AMIZADE: Quando o silêncio a dois não se torna incômodo.

FIM: E chegará um tempo em que os militares inventarão um projétil tão perfeito mesmo, que dará volta ao mundo e os pegará por trás.

O que se percebe nesses dez exemplos é a fragmentação do pensamento diante do universo: em vez de vê-lo como um todo, o poeta regionaliza-o (no sentido latino da palavra *região*) e se contenta com a sua pequena observação, a qual, no entanto, se universaliza e se transforma em sabedoria.

B – Textos Literários

Trata-se aqui daqueles textos cujos temas apontam para a Linguagem (principalmente para problemas de gramática), para termos e formas das Artes, da Literatura e da Poesia. Aqui o horizonte de preocupações do escritor se abre para a observação, para o conhecimento de seu próprio instrumento de trabalho. O mundo e a vida se restringem à possibilidade de contemplação da *linguagem* em si mesma e da exibição, direta ou indireta, das técnicas – da *arte* – de pô-las a serviço da expressão.

Para se ter uma idéia da importância “teórica” deste livro, mencionamos a seguir alguns títulos dos minitextos, difíceis de serem sistematizados, mas sem dúvida uma das mais amplas concepções teóricas de poeta brasileiro. Sem se dar conta, talvez, Mário Quintana foi relacionando no seu *Caderno H* uma série de elementos que, antes de lhe servir como *tema*, como matéria literária, fazia parte do seu repertório teórico, de sua formação literária, quando ainda havia o pudor de saber bem a língua para escrever. Eis um levantamento dos títulos desse material, sem a intenção de ser completo:

Lógica e linguagem – Simplifiquemos (sobre gramática) – Versículo inédito do Gênesis – Leituras – O poeta e os exegetas – Os sonetos e o Dr. Quejando – A escrita – Dos livros – Parênteses – Das escolas – Diálogo inútil – Diálogo crítico – Verso avulso – O autor invisível – *Ars longa* – Das frases históricas – Poesia e lenço – A Poesia é necessária – Poeminho

do contra – Imagem – O assunto – O poeta e a menina – Das escolas poéticas – Da liberdade criadora – Epígrafe – Palavras – Do estilo – Da pontuação – Alma e forma – Bilhete – Diálogo – Poesia e magia – Texto e pretexto – Semântica – Arte poética – O poema – Reticências – Assunto e desassunto – Sinônimos – Citação – Dos leitores – Como vai a poesia? – Poesia e interjeição – Nome e notícia – Da riqueza do estilo – Apontamento para um poema – Da crítica – Arte e mensagem – Ortografia – Oratória – Verso apócrifo – Prosa – Das rimas ricas – Crônica – Assunto para uma tese – Espírito e letra – Carta – Da arte pura – Assunto para um conto – Língua e expressão – A arte de ler – Última flor do Lácio – Mistérios da língua portuguesa – Palavra escrita – Verbete – Poesia brasileira – Do conhecimento – O poema – Poeta lírico – Da relativa inspiração – Dicionários – Poesia e peito – etc.

Mário Quintana toca em quase todos os problemas da comunicação literária. A simples menção desses títulos é suficiente para mostrar a inquietação metalingüística do escritor. É claro que muitos “poemas em prosa”, muitos “Quintanares”, não trazem títulos reveladores da metalinguagem. Mas a preocupação com o discurso, com as artes, com a literatura, com a poética e com a retórica está presente em noventa por cento dos textos do *Caderno H*. Um título como “Equívoco” esconde esta preciosidade: “*A Art poétique*, de Boileau, sim... mas que extraordinária Arte da Prosa”; em “Destino atroz” encontra-se esta revelação irônica: “Um poeta sofre três vezes: primeiro quando ele os sente, depois quando os escreve e, por último, quando declamam os seus versos”; e em “Trecho de entrevista”, este diálogo crítico carregado de humor: “Mas por que falar em poesia concretista? Diga-se ‘concretismo’, apenas, e estará ressalvada a poesia”.

A partir desse estoque de imagens e conceitos selecionamos, também, alguns minitextos completos sobre gramática, estilo, literatura, arte poética e poesia:

GRAMÁTICA:

Simplifiquemos: Sempre me pareceu que as antigas gramáticas complicavam muito as coisas. Lá diziam elas, por exemplo: “Colocase o pronome oblíquo depois do verbo”. Muito bem! O diabo é que se seguia uma lista de 15 ou 16 exceções. Ora, ficaria muito mais fácil se dissessem: “o pronome oblíquo é colocado antes do verbo, exceto quando este inicia uma frase”. E olhe lá.

Trecho de Carta: As palavras de gíria, isso não tem grande importância, meu caro professor: tão logo aparecem, desaparecem./ O pior são essas idéias de gíria...

Lógica & Linguagem: Alguém já se lembrou de fazer um estudo sobre a estilística dos provérbios? Este, por exemplo: ‘Quem cospe para o céu, na cara lhe cai’. Tal desarranjo sintático faria a antiga análise lógica perder de súbito a razão.

Preciosismo?: Eles erram sempre de maneira tão complicada que eu não atino como ainda não descobriram que seria muito mais fácil escreverem certo.

ESTILÍSTICA:

Do Estilo: O que eu mais adoro, depois da precisão, são os expletivos...

Do Estilo: O estilo é uma dificuldade de expressão.

Da Riqueza do Estilo: O estilo muito ornado lembra aqueles antigos altares barrocos, tão cheios de anjinhos que a gente mal consegue enxergar o santo...

Estilo: Deficiência que faz com que um autor só consiga escrever como pode.

ARTE POÉTICA:

Arte Poética: Esquece todos os poemas que fizeste. / Que cada poema seja o número um.

O Poema: O poema é um objeto súbito: / Os outros objetos já existiam...

Limitação: A admirável arte poética de Paul Gerdly e Guilherme de Almeida... Mas, pelo visto, a arte da poesia para eles era uma arte de cantar mulher.

Da Difícil Facilidade: É preciso escrever um poema várias vezes para que dê a impressão de que foi escrito pela primeira vez.

LITERATURA:

Das Escolas: Pertencer a uma escola poética é o mesmo que ser condenado à prisão perpétua.

Das Escolas Poéticas: A minha escola poética? Não freqüente nenhuma. Fui sempre um gazeador de todas as escolas. Desde assinzinho... Tão bom!

Cartaz para uma Feira do Livro: Os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não lêem.

Dos Enredos: Há enredo e enredo. O enredo puramente anedótico e um outro mais sutil, feito de não sabemos o quê, mas que nos prende com uma rede invisível. Nos contos de Tchecov, às vezes parece que não aconteceu nada... Aconteceu apenas a vida!

Caminho da Fonte: A linha casimiriana da poesia brasileira começou antes, em Tomás Antônio Gonzaga. É um regato límpido, por vezes interrompido aparentemente, mas que reponta sempre, quando tudo parecia perdido.

POESIA:

“A Poesia é Necessária”: Título de uma antiga seção do velho Braga na *Manchete*. Pois eu vou mais longe ainda do que ele. Eu acho que todos deveriam fazer versos. Ainda que saiam maus, não tem importância. É preferível, para a alma humana, fazer maus versos a não fazer nenhum. O exercício da arte poética representaria, no caso, como que um esforço de auto-superação. / É fato consabido que esse refinamento do estilo acaba trazendo necessariamente o refinamento da alma./ Sim, todos devem fazer versos. Contanto que não venham mostrar-me.

Poesia & Magia: A beleza de um verso não está no que diz, mas no poder encantatório das palavras que diz: um verso é uma fórmula mágica.

Poesia & Interjeição: Sempre achei que a semente de onde germina todo verdadeiro poema é uma interjeição. Isto é, um sentimento muito elementar, instintivo. Mas um sentimento, sempre. O eterno romantismo! E depois disto, minha filha, há de sair dizendo por aí que o nome feio é a forma mais espontânea da poesia.

Poeminho do Contra: Todos esses que aí estão / Atravancando o meu caminho, / Eles passarão... / Eu passarinho!

E, para terminar as citações, a deliciosa história de “Como vai a poesia?” Tendo de fazer um tratamento dentário, ficou conhecido de um cirurgião-dentista que, onde o encontrava, vinha logo com o seu vozeirão: “– Como vai a poesia?” Todas as pessoas se voltavam para o Poeta que, “nu, desmascarado, em meio à multidão!”, sentia a voz do outro como um atentado ao pudor. Mas descobriu um meio de se vingar: era só perguntar primeiro. E assim, mal avistava o dentista, e antes que o mesmo erguesse as trombetas da sua voz, que não lhe soavam propriamente como as trombetas da Fama, mas como as cornetas fanhas da Difamação, – bradava alvissareiro: – “Como vai o maçarico?”. O Poeta termina dizendo: “As cabeças de permeio voltavam-se então escandalizadas ou irônicas para o Cirurgião-Dentista. Não porque fosse uma vergonha utilizar esse útil instrumento, mas porque maçarico era mesmo uma palavra muito engraçada, uma palavra que rimava com a dança do sarapico-pico-pico e com surubico. O resultado de tudo isso foi que os papéis se inverteram:

o dentista pegou medo do poeta”.

Assim, como é fácil perceber, o *Caderno H* é mesmo o ponto de convergência do tradicional e do moderno, do Mário novo e do Quintana amadurecido, com seu jeito especial de ver a vida, o mundo, os homens, as coisas, as artes, a literatura e a poesia. Mas sempre com a sua ironia, com o seu humor herdados possivelmente de Pitigrilli e da literatura universal. Temos neste livro um Mário Quintana senhor de seu nariz, instruindo o leitor, fazendo-o rir e rindo à socapa até dos seus infortúnios, como no clássico “Poeminho do contra”:

Todos esses que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!

Resumo

Estudo do *Caderno H*, buscando estabelecer os tipos de textos que o compõem.

Résumé

Étude du *Caderno H*, en établissant les types de textes qui le composent.